






A desconstrução da naturalização do conceito de gênero na formação de professores de Educação Física

The deconstruction of the naturalization of the concept of gender in the education of physical education teachers

 **Leandro Baroni Câmara Pontes**
Mestrando em Ciências
Universidade de São Paulo-USP.
São Paulo, São Paulo – Brasil.
leobaroni@usp.br

 **Cristina de Matos Martins**
Doutoranda em Ciências
Universidade de São Paulo-USP
São Paulo, São Paulo - Brasil
crisdm@usp.br

 **Sergio Roberto Silveira**
Doutor em Ciências
Universidade de São Paulo-USP
São Paulo, São Paulo - Brasil
ssilveira@usp.br

Resumo: O presente trabalho apresenta um estudo longitudinal e analisa resultados obtidos na primeira fase do projeto “As questões de gênero na formação de professores para educação básica: um olhar transdisciplinar”, submetido ao edital de Consórcio Acadêmico para o Ensino de Graduação-CAEG, da Universidade de São Paulo (USP). O objeto de estudo consiste na desconstrução da naturalização do conceito de gênero na formação de professores de Educação Física, em função das constantes manifestações de preconceitos e da falta de informações a respeito do assunto, que impactam diretamente o cotidiano escolar. Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva e exploratória, de abordagem mista, com elementos de cunho qualitativo e quantitativo. O estudo evidenciou que a desconstrução da naturalização do conceito de gênero configura-se como um processo gradativo que requer esforços, ações e reflexões contínuas na preparação profissional.

Palavras chave: Educação Física; gênero; formação pedagógica.

Abstract: This paper presents a longitudinal study and analyzes results obtained in the first phase of the project "Gender issues in teacher education for basic education: a transdisciplinary view", submitted to the academic consortium notice for undergraduate teaching -CAEG, University of São Paulo (USP). The object of study is the deconstruction of the naturalization of the concept of gender in the education of physical education teachers, due to the constant manifestations of prejudices and the lack of information about the subject, which directly impact the daily school life. This is a field research, descriptive and exploratory, of mixed approach, with elements of qualitative and quantitative nature. The study showed that the deconstruction of the naturalization of the concept of gender is configured as a gradual process that requires efforts, actions and continuous reflections in professional preparation.

Keywords: Physical Education; gender; pedagogical training.

Cite como

(*ABNT NBR 6023:2018*)

PONTES, Leandro Baroni Câmara., MARTINS, Cristina de Matos., & SILVEIRA, Sergio Roberto. A desconstrução da naturalização do conceito de gênero na formação de professores de Educação Física. *Dialogia*, São Paulo, n. 42, p. 1-17, e22466, set./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/42.2022.22466>.

American Psychological Association (APA)

Pontes, L. B. C., Martins, C. de M., & Silveira, S. R.. (2022, set./dez.). National education plan in Brazil (2014-2024): A desconstrução da naturalização do conceito de gênero na formação de professores de Educação Física. *Dialogia*, São Paulo, 42, p. 1-17, e22466. <https://doi.org/10.5585/42.2022.22466>.

1 Introdução

Este trabalho apresenta um estudo longitudinal e traz a análise dos resultados obtidos na fase 1 do projeto submetido ao edital de Consórcio Acadêmico para o Ensino de Graduação-CAEG, da Universidade de São Paulo (USP), intitulado “As questões de gênero na formação de professores para educação básica: um olhar transdisciplinar”, desenvolvido simultaneamente entre três cursos de licenciatura – Educação Física, Pedagogia e Matemática – a partir de disciplinas articuladas com o estágio supervisionado. O objeto de estudo tratado neste artigo consiste na desconstrução da naturalização do conceito de gênero na formação de professores de Educação Física.

As constantes manifestações de preconceitos e a falta de informações a respeito do assunto, que assolam o campo educacional e explicitam a necessidade de uma prática docente consciente, pautada em conhecimentos científicos que possam colaborar com a proposição e desenvolvimento de políticas públicas de educação para todos e bem-estar social, incitam esse cenário e apontam a urgência no enfrentamento desses fatos (VILARDAGA e SILVEIRA, 2022).

O professor de Educação Física precisa refletir sobre as questões de gênero enquanto elementos constitutivos e estruturados nas interações de relações sociais e manutenção de poder (SCOTT, 1995). Ele, em sua prática docente, possui lugar privilegiado para desconstruir essa naturalização de preconceitos e informações equivocadas a respeito do entendimento das questões de gênero que permeiam as ações de ser e estar das pessoas no mundo. Somente assim, será possível pensar em uma educação vinculada à promoção do acesso, liberdade, igualdade e permanência dos alunos ao longo da escolarização, em prol da (re)construção de uma sociedade pautada na justiça social, na qual se respeita a diversidade, se favorece a equidade e se promove a inclusão de todos nas atividades da vida cotidiana, trabalho e lazer (SILVEIRA; FREUDENHEIM; BASSI; OLIVEIRA, 2020).

Desvelar as questões de gênero ao longo do processo educacional configura-se, também, em um desafio dentro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis-ODS da Agenda ONU-2030, bem como é diretamente explicitado na Agenda 2030 ODS-Brasil: educação de qualidade (4), igualdade de gênero (5) e redução de desigualdades (10). O acesso dos alunos às informações e o aumento das discussões sobre o assunto podem contribuir para assegurar os direitos básicos à educação.

Ao trazer discussões que alicerçam o ser e o estar do ser humano globalmente, enquanto um sujeito sociocultural em constante ressignificação de si mesmo, o processo formativo de professores avança e permite que, desde a formação inicial, os licenciandos possam ter uma

reflexão teórica consubstanciada no desenvolvimento de sua própria prática. Para tanto, utilizou-se como modelo teórico para fundamentação do desenvolvimento do projeto Scott (1995) e Louro (1997).

Nesse aspecto, o ponto de partida do trabalho se apoia no entendimento de Scott (1995) sobre o gênero como um elemento constitutivo e estabelecido nas interações e relações sociais, tendo como pano de fundo as diferenças notadas entre os sexos e que, ao mesmo tempo, expressa as relações de poder numa sociedade. Para a autora “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21).

Para além do entendimento do conceito de gênero, expressado em Scott (1989), apoiou-se em Louro (1997) para refletir nas sensibilizações sobre os cuidados necessários com a prática docente. Louro (1997, p. 64) afirma:

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas ‘críticas’). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui.

Destaca-se que a formação de professores de Educação Física é marcada por um histórico de problemas decorrentes dessa naturalização do conceito de gênero, o que estimula ações de preconceitos, de discriminações e de exclusões sociais. A partir dessa constatação, o projeto buscou estabelecer ações de fomento aos processos de formação inicial e contribuir para desconstruir, nos licenciandos, a “naturalização do conceito de gênero estabelecido socialmente”, de modo que pudessem planejar e intervir deliberadamente para conscientizar os estudantes da Educação Básica. Assim, nesse artigo, foram analisadas as ações diagnósticas e sensibilizadoras para a fase do projeto referente ao processo de desconstrução dos conceitos prévios estabelecidos.

Nesse aspecto, ao se considerar as implicações relativas à temática para o exercício da prática docente, a história e a necessidade de trazer essas reflexões para o cerne da formação de professores de Educação Física, essa pesquisa buscou responder a seguinte questão-problema: como a inclusão da temática, em um programa de formação de professores de Educação Física, pode refletir na preparação profissional para a desconstrução da naturalização do conceito de gênero dos licenciandos?

2 A formação inicial de professores de Educação Física e a relação com as questões de gênero

A formação do professor de Educação Física para atuação na instituição escolar pode ser observada como um fenômeno dinâmico, seja pautada nos conhecimentos produzidos cientificamente, seja redimensionada pelas necessidades da própria intervenção profissional, com base nas experiências advindas da prática docente. Simultaneamente, trata-se de uma construção contínua, posto que acompanha as ações das políticas públicas educacionais que, por sua vez, estão em constante transformação.

De certa forma, a formação inicial do professor de Educação Física pode ser analisada sob o prisma de três perspectivas ao longo da história. O curso de licenciatura pode ser considerado como o pioneiro na preparação profissional, pois sua origem remonta a 1854. Àquela época, era voltado à preparação de instrutores de ginástica para atuação na escola primária. Até o início dos anos oitenta, a perspectiva pautou-se no entendimento de que o professor deveria ser um exímio demonstrador dos movimentos que compunham as atividades práticas das aulas. Nessa concepção, cobrava-se do graduando essa mesma perfeição. A partir dos anos oitenta, até meados dos anos 2000, concebeu-se o professor como o profissional que deveria saber desenvolver sequências didáticas para o ensino das manifestações da cultura de movimento, expressa em categorias de brincadeiras, jogos, esporte, dança, ginástica, lutas e práticas corporais de aventura (SILVEIRA, 2019).

Corroboram com essa discussão Betti e Betti (1996), que observam nos currículos marcas razoavelmente definidas. Em princípio, os cursos de licenciatura eram constituídos por um currículo tradicional-esportivo, dividido categoricamente em disciplinas teóricas e práticas e que demandavam dos alunos um desempenho físico mínimo. Em seguida, observa-se certa transição para um currículo de orientação técnico-científica: aberto às ciências humanas e pautado no que os autores denominam "ensinar a ensinar", isto é, no aprendizado de sequências pedagógicas pelos licenciandos. Contudo, frequentemente, o estudo envolvia práticas de ensino delegadas a outras disciplinas que, muitas vezes, sequer tinham efetiva presença nos cursos.

Em ambas as perspectivas, o acesso e a permanência na carreira foram marcados pela exclusão social dos menos habilidosos, das pessoas com deficiências e transtornos globais do desenvolvimento e /ou neurodesenvolvimento. Para além disso, observava-se o heteronormativismo como paradigma de conduta, bem como a discriminação e o preconceito de gênero, com o afastamento da comunidade LGBTQIA+, especialmente em oportunidades de emprego e na participação das práticas corporais. Mais de cem anos foram marcados por uma

“cultura” de exclusão e discriminação de gênero na preparação profissional, fato que dificultou uma atuação dos professores de Educação Física nas desconstruções de preconceitos e discriminações relativas à corporeidade dos educandos da educação básica.

Ao longo do século XXI, a perspectiva de formação pode ser compreendida com o *aprender a aprender*, sendo o professor um contínuo pesquisador de sua ação, questionando seu fazer docente e os conhecimentos que alicerçam a sua intervenção profissional, bem como os princípios e finalidades educacionais em face da equidade e inclusão social (TANI, 2011).

Betti e Betti (1996) propõem – a partir da concepção de que o professor elabora seu conhecimento em seu contexto de atuação, transcendendo o conhecimento técnico-científico – um currículo de formação baseado na prática como eixo central, no qual o discente tem contato com a realidade do trabalho desde o início do curso. Almejado como um tipo de formação mais adequado às características da escola contemporânea, ainda não se reconhecem cursos que sigam tais preceitos de modo claro.

Na esteira dessas discussões, algumas pesquisas enfatizam que os cursos de formação na área de Educação Física devem reconhecer a importância do contexto de atuação dos futuros professores, a ponto de comporem as disciplinas e as estratégias nelas embutidas. Assim seria superada uma prática episódica, artificial e descontextualizada, em direção a momentos valiosos que efetivamente estabeleceriam a necessária ponte entre a teoria e a prática (RAMOS, GRAÇA E NASCIMENTO, 2008; MARCON, GRAÇA E NASCIMENTO, 2011, 2013).

Nesse aspecto, as ações de desconstrução da naturalização do conceito de gênero, realizadas pelo professor de Educação Física junto aos educandos da educação básica, consistem numa luta identitária em prol de uma sociedade pautada em justiça social, aceitação da diversidade e equidade de oportunidades. Tal perspectiva encontra respaldo nas discussões pós-críticas que apresentam identidade, diferença e emancipação como os conceitos chaves para as finalidades da atuação profissional.

Eto e Neira (2017) afirmam que identidade e diferença são primordiais para a compreensão das representações socialmente naturalizadas. Para os autores “A identidade define aquilo que nos aproxima de certos grupos e nos afasta de outros. A identidade se liga intimamente a um processo de significação, que, ao interagir com a sociedade, sofre ressignificações a todo instante” (ETO e NEIRA, 2017, p. 582).

Segundo Silva (2009) construir uma identidade presume poder pensar em elementos que possibilitem a continuidade do sujeito, de se reconhecer e de ser reconhecido delimitando-se perante os demais. Entretanto, destaca a autora que, na atualidade, há uma fragmentação das

paisagens culturais que antes forneciam localizações mais seguras aos indivíduos, voltados a horizontes mais deterministas. Assim poderia se pensar também à docência na contemporaneidade: deslocada de seu lugar tradicionalmente estabelecido, consoante às expectativas impostas à escola e à atividade docente nos documentos oficiais e currículos.

3 Método

Trata-se de uma pesquisa de abordagem mista, com elementos de cunho qualitativo e quantitativo para responder às questões da investigação. O estudo consiste numa pesquisa de campo, descritiva e exploratória (GIL, 2010), considerando temas que não foram previamente tratados em profundidade em investigações anteriores.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética para realização de estudos com seres humanos sob o CAAE 51517421.0.0000.5391. Esclarece-se que os participantes autorizaram a análise dos dados coletados com anuência em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3.1 Amostra

A amostra do estudo corresponde a 18 participantes do curso de licenciatura em Educação Física da EEFÉ-SP que frequentaram a disciplina de Educação Física Escolar Adaptada I, com inserção nos estudos da educação inclusiva, diversidade e identidade profissional.

3.2 Procedimentos, delimitações e instrumentos

A coleta desenvolveu-se no período de pandemia (2021), em formato remoto, com atividades síncronas e assíncronas, devido ao isolamento social ocasionado pela crise sanitária que, infelizmente, perdura até o presente momento, ainda que em menor escala. Utilizaram-se como instrumentos e recursos: questionário *on-line* e, plataformas digitais como: o *Mentimeter*, *Padlet*, *Google Classroom* e o *Google Meet*. Ao longo de 15 aulas com intervenções realizadas, houve estudos de charges, de casos, de músicas e suas letras, bem como a apresentação de sarau individual e gravação de vídeos.

Em um primeiro momento, para coletar e caracterizar a amostra, utilizou-se um questionário *on-line* aplicado no início das aulas no ano letivo, por meio de formulário *Google Forms*, para buscar informações relacionadas às expectativas, às impressões e às informações do grupo a respeito da temática de gênero e formação de professores. Receberam-se 17 respostas, porém, duas foram excluídas por serem enviadas em duplicidade por pessoas distintas, totalizando 15. Três

participantes faltaram à aula e acabaram por não o responder na semana em que o preenchimento estava disponível. Em um segundo momento, foram desenvolvidas as atividades acima descritas.

Os estudos das charges, das letras e músicas e dos casos específicos sobre gênero ao longo da escolarização na educação básica foram realizados nas últimas cinco aulas, após o avanço com os referenciais teóricos. Todos esses processos ao longo do semestre, contribuíram como medidores da construção dos conhecimentos efetivados e dos conceitos relacionados aos temas.

Ao final do processo formativo, houve a gravação dos depoimentos em vídeo dos licenciandos, em formato assíncrono, com a finalidade de convidá-los a refletirem sobre o desenvolvimento das 15 aulas e oferecerem sua análise pessoal da evolução de suas percepções e concepções da temática do projeto.

3.3 Análise dos dados

Para o exame dos dados qualitativos utilizou-se o método de análise de conteúdo (BARDIN, 1977), com o apoio da estatística descritiva (SILVESTRE, 2007) para interpretação dos dados quantitativos.

4 Resultados

4.1. Questionário

Com relação à idade dos participantes, 85% localizavam-se na faixa etária entre 19 e 30 anos. Destes, 60% de 19 a 24 anos e 25% de 25 a 30 anos. Os 15% restantes estavam distribuídos em 5% de 30 a 40 anos e 10% de 60 a 70 anos.

Quanto à identidade de gênero declarada, adotou-se o referencial teórico do IBGE quanto às opções disponíveis para classificação. Dos resultados encontrados, a identidade de gênero predominante é de homens cisgêneros (60%), seguido por mulheres cisgêneros (40%), sem que houvesse nenhum participante que se identificasse como transgênero ou não-binário.

Em relação à orientação sexual dos participantes, 60% identificaram-se como heterossexuais, 20% como bissexuais e 13,3% como homossexuais. Um participante preferiu não se declarar, 6,7%.

Foram realizadas perguntas referentes ao contato que os participantes tiveram com a temática, em dois momentos distintos da formação pessoal: durante a Educação Básica e a Graduação. Para a Educação Básica, os dados apontam: 40% não vivenciaram discussão sobre o assunto; 46,7% tiveram conversas esporádicas e/ou rasas; e 13,3% relataram que tiveram contato

com diversos temas relativos a gênero, em especial, sobre educação sexual e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

Os dados em relação à Graduação indicam que 13,3% não haviam vivenciado nenhuma discussão sobre gênero até a entrada na disciplina; 20% relataram pouco contato com o tema; e 66,7% afirmaram que tiveram discussões sobre diferentes tópicos dentro da temática, em mais de uma disciplina.

Em relação à importância da temática de gênero/sexualidade, fez-se a seguinte pergunta: “Em uma escala de 1 a 5, qual a importância das discussões sobre a diversidade de gênero e sexual na sua formação de Professores?”. Segundo os dados coletados, 73,3% responderam com o valor máximo (5); 20% com valor 4 e; 6,7% atribuíram valor 3. Não se deparou com atribuição de valores 2 e 1.

Quanto às justificativas para atribuição dos valores, tem-se: o aprendizado dos termos e conceitos, da abordagem adequada do assunto em aula, da organização dos conteúdos de ensino, da criação de ambientes acolhedores para os alunos dentro da escola e a busca de estratégias para evitar a manifestação de preconceitos e discriminações.

Ainda nesse sentido, quando questionados a respeito das expectativas para o projeto, as respostas obtidas se relacionaram a “[...] aprender mais sobre gêneros e como auxiliar alunos que venham com dúvidas sobre o assunto” (Participante 1), “Compreender, talvez de outro ponto de vista, o que é gênero e quais são suas consequências dentro da escola” (Participante 2); “[...] me deixar qualificado em termos de experiência e conhecimento para lidar com questões de gênero dentro do meu exercício da profissão de professor” (Participante 11); “[...] me tornar um professor cada vez mais capacitado para atuar com excelência na escola” (Participante 17). Seis participantes (35,3%) não apresentaram expectativa inicial com o projeto.

A seguir serão demonstrados os dados que nortearam a realização das intervenções realizadas no decorrer do projeto. No primeiro momento, buscou-se identificar qual era a percepção já existente dos alunos sobre o significado de gênero.

4.2. Sensibilizações

4.2.1 Conceito prévio de gênero

Ao longo do semestre, as atividades buscaram organizar o levantamento prévio do conceito de gênero e avançaram para outras sensibilizações envolvidas como “ideologia de gênero” e para estudo de casos. Com relação ao levantamento prévio de conceitos, os licenciandos responderam individualmente à pergunta “o que você acredita ser gênero?”, obtendo-se 14 respostas, nas quais

pôde-se observar grande variedade de percepções sobre o significado do termo. As cinco categorias criadas não são excludentes e comportaram respostas que se encaixaram em mais de uma organização com os conceitos prévios: características, classificação, sexo biológico, construção social e sociedade.

Na categoria “características”, é possível encontrar cinco respostas (participantes 1, 4, 7, 11 e 18), exemplo: “Eu acredito que gênero é característica física determinada pelos genes que os seres humanos separam entre feminino e masculino ou fêmea e macho.” (Participante 11).

A categoria “classificação” apareceu em 2 respostas (participantes 3 e 17), sendo que ambos trouxeram a ideia de que o gênero é algo que possa ser classificado, o que pressupõe que existam categorias pré-existentes em que cada pessoa deva se encaixar. Por exemplo: “A pergunta me parece muito abrangente, mas em sua totalidade, gênero é um método de classificação, seja ele musical, feminino, masculino e outros. Por gênero, eu entendo uma maneira de classificar um conjunto.” (Participante 3).

A categoria “sexo biológico” apareceu 6 vezes nas respostas (participantes 5, 6, 7, 8, 10, 11); sendo que os participantes (7 e 11) apresentaram respostas pertinentes a duas categorias (características e sexo biológico). Outro ponto importante foi a resposta do participante 6, pois trouxe a palavra “não-binário”, o que denota que há, nessa dessa resposta, um entendimento sobre gênero para além da dicotomia dos termos feminino e masculino, comumente utilizada: “Gênero eu acredito que seja um tipo de alguma coisa, para especificar algo, por exemplo gênero musical, ou então para distinguir os diferentes tipos de sexo, masculino, feminino ou não-binário.” (Participante 6).

A categoria “construção social” recebeu duas respostas (2 e 12), ou seja, gênero como algo construído socialmente a partir da cultura e relações sociais. As respostas carregam em si uma ideia de relação de poder e aspectos hierárquicos, expectativas e estereótipos.

A categoria “sociedade” apareceu em duas respostas (1 e 9). A primeira enfatiza o papel de cada indivíduo na sociedade, como forma de argumentação. A segunda dialoga abrangentemente sobre a relação de gênero com a estruturação de uma sociedade, para além dos aspectos puramente biológicos e traz os psicológicos, os sociais e os culturais.

Nesse momento de elaboração dos conceitos e compreensão das ideias sobre o assunto, algumas confusões entre os conceitos de gênero com sexo biológico e orientação sexual apareceram (participantes 8 e 12). Assim como a relação entre o gênero com o “estado” de ser homem ou mulher (participante 8), e a questão da identidade (participante 18), quando essa temática foi abordada.

4.2.2 Conceito de gênero após as primeiras sensibilizações

Após as primeiras sensibilizações sobre a temática, os participantes foram convidados novamente a escrever sobre o significado de “gênero”. Em uma plataforma, eles poderiam digitar por um minuto palavras ou expressões variadas que representassem o conceito. Foram encontradas 27 respostas, organizadas em quatro categorias: definição, construção social, sentimentos e biológica.

- Categoria *Definição*, com 12 respostas: agrega informações que parecem buscar uma explicação para a palavra gênero;
- Categoria *Construção Social*, com 6 respostas: manifesta justificativas de sua existência em decorrência de um significado socialmente estabelecido;
- Categoria *Sentimentos*, com 5 respostas: traz informações atreladas às sensações e buscas pessoais;
- Categoria *Biológica*, com 4 respostas: exprime características relacionadas ao sexo biológico.

4.2.3 Depoimento em vídeo

Ao final da fase 1 do projeto, no término do primeiro semestre, propôs-se aos participantes a elaboração de um vídeo a fim de obter *feedback* e realizar uma avaliação processual do projeto. A instrução dada aos licenciandos foi: gravar a si mesmo/mesma respondendo às seguintes questões: como o projeto sobre gênero tem auxiliado ou não na minha formação como professor/professora? Qual é a minha expectativa em relação ao projeto Gênero no segundo semestre?

Após assistir e analisar os vídeos, foi possível progredir para a questão: como o projeto sobre gênero tem auxiliado ou não na minha formação como professor/professora? As 14 respostas obtidas foram organizadas em cinco categorias que se articulam em alguns pontos: “formação para atuação profissional” (1, 7, 17, 14); “reflexão como pessoa e na vida pessoal” (4, 6, 7, 9, 12); “reflexão sobre o papel da sociedade” (2, 16); “Quebra de tabus e preconceitos” (5, 8, 10); “repensar a representatividade” (2, 8, 10, 15).

E para a questão: qual é a minha expectativa em relação ao projeto gênero no segundo semestre? As 12 respostas recebidas foram organizadas em três categorias: “intervenção profissional” (4, 5, 7, 9, 12, 15, 17, 14); “aprofundar a desconstrução” (6); “planejamento escolar” (1, 8, 10, 14).

Importante ressaltar que, ao analisar as expectativas dos participantes em relação às intervenções futuras do projeto, a predominância dá-se na atuação profissional, ou seja, em como agir no ambiente escolar para que cada vez mais se desconstrua e se desnaturalize preconceitos enraizados nas questões de gênero.

5 Discussões

Com base nos dados coletados no questionário inicial, explicitados no item 4.1, 60% da faixa etária se configura com identidades construídas dentro um conjunto de experiências comuns a uma diferença de cinco anos, contudo, a amostra total é composta por uma diversidade de grupos etários, o que favorece reflexões coletivas passando por diversos contextos históricos e socioculturais entre as gerações (MOTTA, 2004).

No que tange às experiências de discussões com a temática de gênero, 86,7% tiveram poucos momentos de discussões contínuas ao longo da escolarização básica, fato que dialoga com Soares e Monteiro (2019), ao investigarem a atuação de professores de ciências no ensino fundamental sobre o assunto e ressaltarem a necessidade de investimentos em ações de formação continuada de profissionais da educação para que possam implantar e consolidar ações com pares que estão envolvidos com a temática no interior das escolas. Ainda sobre a presença da temática de gênero na Educação Básica, Louro (1997) aponta a escola como um lugar onde também ocorre segregação e distinção das pessoas, sendo, portanto, uma tarefa necessária e urgente a discussão dos seus diversos temas, a fim de enfrentar práticas educativas e atitudes sexistas, homofóbicas e excludentes.

Em relação ao ensino superior, nota-se uma preocupação presente no processo de formação de professores de Educação Física localizada na atuação de docentes de determinadas disciplinas. Contudo, 33,3% continuam com poucos elementos científicos para as reflexões. Esses dados no processo de formação de professores trazem preocupações, uma vez que o ofício do magistério requer um olhar cuidadoso e atento sobre aquilo que cerca a temática de gênero e sexualidade na prática docente, pois segundo Louro (1997), é preciso desconfiar daquilo que é tido como natural e isso precisa constar na pauta do fazer docente, ao longo de sua intervenção profissional.

A preocupação acima é explicitada na observância dos dados sobre o conceito inicial de gênero. Apenas 28,5 % apresentam o entendimento de gênero relacionado às categorias de “construção social” (14,25%) e “sociedade” (14,25%), em que é possível verificar elementos

atrelados às relações sociais com base na diferença entre sexos e nas relações de poder em seu estabelecimento, conforme afirma Scott (1995). Seguem excertos das respostas obtidas:

Acredito que gênero é uma construção social que separa os indivíduos por suas características atribuindo a eles posições, expectativas e estereótipos. E também, em algumas comunidades, deveres. (Participante 2)

Entendo como gênero uma possibilidade de estruturação da sociedade [...] e, de maneira errônea, certa parcela da sociedade busca impor dentro do entendimento de gênero, apenas os aspectos biológicos, classificando os indivíduos como masculinos e femininos, levando em consideração apenas o órgão genital que lhe acompanha no nascimento [...] (Participante 9)

Gênero é uma construção da sociedade para definir sua orientação sexual. É como você se identifica e se constrói na sociedade. Não te define e não é uma caixa fechada. (Participante 12)

Nessas respostas é possível perceber que o entendimento do conceito de gênero desses participantes ultrapassa as experiências masculinas e femininas no passado e alcança o estabelecimento de relações entre o passado e as práticas existentes no momento presente (SCOTT, 1995).

Por outro lado, nas concepções iniciais de 71,5% dos participantes, nota-se o entendimento do conceito de gênero permeado por concepções e impressões de estruturas sociais de poder. Para Scott (1995), essas noções são constituídas socialmente a partir das diferenças percebidas entre os sexos e que se estruturam em torno de quatro elementos: 1) os símbolos que se ligam a representações culturalmente múltiplas; 2) os conceitos normativos que evidenciam interpretações do sentido dos símbolos atribuídos; 3) a permanência da representação binária dos gêneros e; 4) a identidade subjetiva que constitui o gênero.

Nesse aspecto as ações do projeto buscaram implementar atividades que pudessem levar à desconstrução desses elementos e favorecessem a aceitação da naturalização do conceito de gênero estabelecido socialmente nas relações de poder, especialmente, no que tange à escolarização e à formação de professor.

Após as primeiras sensibilizações sobre o conceito de gênero, foi possível notar que essas ações começam a impactar reflexões individuais e culminaram em alterações expressas nas respostas. A categoria *Definição* trouxe respostas que apontaram a transição reflexiva entre o que se compreendia e aquilo que permanece em formação conceitual, com a utilização dos termos: “constante discussão”, “classificação superficial”, “definição do ser”, “tipo, escolhas”, por exemplo.

A categoria *Sentimentos* traz elementos nas respostas como “pertencimento”, “escolhas” e “opressão” que se conectam com algo vivido e/ou percebido ao redor e expressam uma

inquietação contra as estruturas identitárias no interior das relações estabelecidas no sistema de poder-saber (FOUCAULT, 2013). E, de certa forma, aliam-se à categoria construção social, que também recebeu novas expressões em seu significado, como “papéis sociais”, “fatores biopsicossociais” e, em especial, “identidade”. Eto e Neira (2017) salientam que identidade e diferença, apesar de distintos, são primordiais para a compreensão das representações socialmente estabelecidas.

Nesse aspecto Louro (2014) destaca que olhar para a questão de gênero requer entender a instituição da identidade da pessoa como algo intrínseco e constitutivo de sua essência.

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o. (LOURO, 2014, p. 25, grifo do autor).

Ao término do semestre pode-se avaliar novamente o entendimento do conceito de gênero por meio de duas perguntas orientadoras com a finalidade de instruir a gravação de vídeos individuais. Em conformidade com as respostas apresentadas à solicitação: como o projeto sobre gênero tem auxiliado ou não na minha formação como professor/professora? Nota-se que as sensibilizações que trataram a respeito de reflexões sobre a vida pessoal dos licenciandos impactaram positivamente num processo de desconstrução da naturalização do conceito, como se pode notar em alguns trechos:

[...] repensar a questão de gênero na vida e na escola (Participante 7);
[...] Importante por eu ser mulher, falar de empoderamento feminino, conceitos, pensar como posso combater preconceitos e discriminações (Participante 8);
[...] dar formato para minha identidade de educadora (Participante 14);
Eram assuntos rotineiros nas páginas policiais, graves, homicídios, distante da realidade; mas o projeto me aproximou para a realidade desde a infância (Participante 9);
Auxiliou na minha formação [...] e como pessoa em todas as áreas da vida; tirar próprios preconceitos (Participante 12);

Ao observar as respostas, é possível compreender Louro (1997), quando a autora explicita que a desconstrução da naturalização da polaridade restrita de gêneros implica levar a pessoa a problematizar a oposição e a estruturação dessa rigidez. Para ela, a consequência dessa desconstrução da oposição binária recai sobre a compreensão e inclusão das diferentes formas de masculinidade e feminilidade constituídas socialmente.

Na solicitação: qual é a minha expectativa em relação ao projeto gênero no segundo semestre? Constata-se a preocupação dos licenciandos com a temática na própria formação inicial de professores de Educação Física, de modo a permitir uma formação que se vincule com o

planejamento e a intervenção profissional na escola, apontado nas respostas abaixo e que corrobora aquilo que foi evidenciado na análise:

- [...] a experiência dentro de um plano de aula EFE (Participante 10)
- [...] como posso introduzir o tema nas aulas EFE (Participante 1)
- [...] Aprofundar, principalmente em intervenção (Participante 17)
- [...] prática, cenário da sala de aula (Participante 14)

Deparar-se com essas expectativas dos licenciandos de um curso de Educação Física representa um grande passo dado por futuros professores no próprio processo formativo, uma vez que a preocupação com a intervenção qualitativa na instituição-escola requer a (re)construção do conceito de gênero e como esse fazer interfere em suas iminentes práticas docentes.

Louro (1997) lembra que a naturalização do conceito de gênero é tão rígida no interior da instituição escolar que, provavelmente, as práticas docentes existentes não favoreçam que os estudantes se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas. Nesse sentido, a autora aponta que a aula de Educação Física se configura como um palco privilegiado para a exposição corporal, de sentimentos, de movimentos, ou seja, para manifestações que evocam questões da sexualidade de educandos.

Assim, pensar na atuação do professor de Educação Física para romper com a naturalização da construção do conceito de gênero no interior da instituição escola requer a revisão de espaços formativos que permitam que ele reflita, planeje, e intervenha no rompimento dessa rigidez pré-estabelecida.

6 Considerações finais

Acompanhar a passagem dos licenciandos pela fase 1 do projeto de gênero no cenário da formação de professores de Educação Física permitiu observar a evolução dos participantes, desde as suas percepções iniciais às primeiras transformações, num processo de desconstrução da naturalização da temática e do despertar para a existência desta nas diversas situações do cotidiano escolar – enraizadas nas estruturas institucionais, no processo de ensino-aprendizagem e nas interações um pouco mais informais, como em reuniões ou nos momentos de intervalo.

Como a inclusão da temática em um programa de formação de professores de Educação Física pode refletir na preparação profissional para a desconstrução da naturalização do conceito de gênero dos licenciandos? – questão central da pesquisa, foi respondida com base no acompanhamento das ações previstas no desenvolvimento do projeto. A desconstrução da

naturalização do conceito de gênero configura-se como um processo gradativo que requer esforços, ações e reflexões contínuas na preparação profissional.

Os avanços observados mostram que sensibilizações, motivadas por reflexões sobre a vida pessoal e sobre as experiências pregressas, impactaram nas questões identitárias dos sujeitos envolvidos e, conseqüentemente, favoreceram conexões teóricas e empíricas. Evidentemente, isso conduz a novos problemas, relacionados à articulação das práxis no âmbito da intervenção profissional em educação básica.

Reconhecem-se as limitações desta pesquisa e, por isso mesmo, há a necessidade de ampliar e reformular as próximas etapas a serem desenvolvidas, no intuito de alinhar a (re)construção da temática na intervenção profissional, no que concerne à desconstrução da naturalização do conceito de gênero. Contudo, os resultados encontrados são animadores, na medida em que permitem entender que, apesar da história excludente de formação de professores de Educação Física, esse processo pode (e precisa) ser ressignificado para a constituição adequada das novas gerações docentes.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. 70 ed. Lisboa, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf> . Acesso em 13 set. 2022.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE-EEFE, *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura*, 2022. Disponível em: http://www.eefe.usp.br/sites/default/files/Gradua%C3%A7%C3%A3o_projeto%20pedag%C3%B3gico_ppp%20licenciatura%20em%20ef.pdf . Acesso em:13 set.2022.

ETO, J.; NEIRA, M. G. Em defesa de uma teoria pós-crítica de Educação Física. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 20, n. 3, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v20i3.42732> . Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/42732> . Acesso em: 14 set. 2022.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. história da violência nas prisões. 41.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 1. ed. São Paulo: Vozes, 1997.

MARCON, D., Graça, A. B. dos S. e Nascimento, J. V. do (2011) “Critérios para a implementação de práticas pedagógicas na formação inicial em educação física e implicações no



conhecimento pedagógico do conteúdo dos futuros professores”, *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25(3), p. 497-511. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000300013> . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/3sbCCjxprrqfz7cBLFXydhq/?lang=pt> . Acesso em: 14 set. 2022.

MARCON, D., Graça, A. B. dos S. e Nascimento, J. V. O conhecimento do contexto na formação inicial em Educação Física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2013, v. 27, n. 4, pp. 633-645. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/x5K3PCbxK7yP9dj4Sz4hFdq/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 13 set. 2022

MOTTA, A.B. Gênero, idade e gerações. *Caderno CRH*, Salvador, v.17, n.42, p. 349-355, Set./Dez., 2004. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. DOI: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v17i42.18727> . Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18727> . Acesso em: 14 set. 2022.

RAMOS, V.; GRAÇA, A.B.S.; NASCIMENTO, J.V. O conhecimento pedagógico do conteúdo: estrutura e implicações à formação em educação física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 22, n.2, p. 161-171, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16691> . Acesso em: 12 set. 2022.

RANGEL-BETTI, I.C.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. *Motriz*, v. 2, n. 1, Jun/1996. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/issue/view/V.%202%2C%20N.%201%20%281996%29> . Acesso em: 29 jun. 2022.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. v. .20, n(2). 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> . Acesso em: 12 set. 2022.

SILVA, Marilda da. A complexidade da formação de professores: saberes teóricos e saberes práticos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788598605975. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109316>. Acesso em: 25 jul. 2021.

SILVEIRA, S.R. Educação física escolar adaptada. In: CORREIA, W.R.; SILVEIRA, S.R. (Org.). *Educação física: conhecimento e especificidade*. 1ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2019, v. 1, p. 175-198.

SILVEIRA, S. R.; FREUDENHEIM, A. M.; BASSI, P.; OLIVEIRA, J. Ávila de. Núcleo de direitos humanos da Escola de Educação Física e Esporte da USP: uma perspectiva educativa. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, [S. l.], v. 34, n. Esp., p. 1-9, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/1807-5509202000034nesp001> . Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173137> . Acesso em: 14 set. 2022.

SILVESTRE, A.L. *Análise de dados e estatística descritiva*. 1. Ed. Lisboa: Escolar Editora. 2007.

SOARES, Z.P.; MONTEIRO, S.S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan. /fev.



2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.61432> . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/KMSmJfk43rKWcRNHWHfWsfC/?lang=pt> . Acesso em: 14 set. 2022.

TANI, G. *Leituras em educação física: retratos de uma jornada*. São Paulo: Phorte, 2011.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Vice-reitoria Executiva de Administração. *Anuário Estatístico da USP*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em <https://uspdigital.usp.br/anuario/AnuarioControle> . Acesso em: 16 jun.2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Programa de Formação de Professores USP*, 2004. Disponível em: <https://www4.fe.usp.br/wp-content/uploads/programa-de-formacao-de-professores/programa-de-formacao-de-professores.pdf> . Acesso em: 13 set. 2022.

VERAS, R.P.; CALDAS, C.P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 423-432, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232004000200018> . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tJz7rRmdQSWVbQCJLH5ZM6g/?lang=pt> . Acesso em: 14 set. 2022.

VILARDAGA, A.F.; SILVEIRA, S.R. Gênero na formação de professores de educação física. CARDOSO, N.S.; MENDONÇA, S.G.L.; JOHANN, A.H.; LIMA, J.R. (Orgs.). *VIII ENALIC*. Nós passarinhos, eles passarão: formação docente em ação. Campina Grande: Realize, 2022, p.452-468. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/85152> . Acesso em: 12 set. 2022.